

Sinais caseiros: análise de pesquisas indexadas no catálogo de teses e dissertações da Capes

Homemade signs: analysis of research indexed in Capes' theses and dissertations catalog

Señas caseras: análisis de investigaciones indexadas en el catálogo de tesis de postgrado de la Capes

Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Brasil)

adriana.lessa@uesb.edu.br

<https://orcid.org/0000-0003-1524-8386>

Emmanuelle Félix dos Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Brasil)

emmanuellefelix@ufrb.edu.br

<https://orcid.org/0000-0001-7274-7822>

RESUMO

Este trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla, que investiga o *status* de língua em 'sinais caseiros'. Trata-se de uma revisão de pesquisas anteriores, considerando-se a relevância em conhecer os trabalhos desenvolvidos na área, os fenômenos enfocados e quais aspectos ainda carecem de estudo. Objetivamos inventariar e analisar as dissertações e teses, que abordam 'sinais caseiros', constates prioritariamente na base da Capes, do período entre 2003 e 2019. Para tanto, optamos pela pesquisa bibliográfica do tipo 'estado da arte', que tem como propósito mapear certa produção acadêmica. Como resultado, encontramos 11 pesquisas, entre as quais 18,18% apresentam análises sobre 'sinais caseiros'; e as demais investigam sinais indígenas. Constatamos, a partir dos dados, que, apesar da grande contribuição desses estudos no cenário acadêmico, no tocante à

* Sobre as autoras ver página 260.



natureza linguística dos sistemas de ‘sinais caseiros’, este tema é discutido de forma ainda incipiente, o que corrobora a necessidade de mais investigação.

PALAVRAS-CHAVE: Sinais caseiros; Língua; Pesquisas; Mapeamento.

ABSTRACT

This work is part of a larger research, which investigates language status in 'homemade signs'. This is a review of previous research, considering the relevance of knowing the works developed in the area, the phenomena focused on and what aspect still need to be studied. We aimed to inventory and to analyze the dissertations and theses, which address 'homemade signs', found primarily in the Capes database, from the period between 2003 and 2019. To do so, we opted for bibliographical research of the 'state of the art' type, which has the purpose of mapping a certain academic production. As a result, we found 11 researches, among which 18,18% present analyses on 'homemade signs', and the rest investigate indigenous signs. We found, from the data, that, despite the great contribution of these studies in the academic scenario, regarding the linguistic nature of the 'homemade sign' systems, this is still discussed in an incipient way, which corroborates the need for further investigation.

KEYWORDS: Home signs; Language; Research; Mapping.

RESUMEN

Este trabajo forma parte de una investigación más amplia que aborda el status de lengua en señas caseras. Se trata de una revisión de investigaciones anteriores, considerándose la relevancia de conocer los trabajos desarrollados en el área, los fenómenos discutidos y qué aspectos todavía carecen de estudios. Pretendemos inventariar y analizar las tesis de doctorado y maestría que tratan de “señas caseras”, constantes prioritariamente en la base de datos de la Capes, del periodo entre el 2003 y el 2019. Para ello, hemos optado por la búsqueda bibliográfica del tipo “estado del arte”, que tiene como propósito mapear cierta producción académica. Como resultado, hemos encontrado once investigaciones, entre las cuales el 18,18% presentan análisis sobre “señas caseras”; las demás abordan las “señas indígenas”. A partir de los datos, hemos constatado que, a pesar de la gran contribución de esos estudios en el escenario académico, la naturaleza lingüística de los sistemas de “señas caseras” se discute todavía de modo incipiente, lo cual corrobora la necesidad de más investigación.

PALABRAS-CLAVE: Señas caseras; Lengua; Investigaciones; Mapeo.

1 Introdução

As discussões relacionadas aos surdos, condição de quem vive com privação auditiva, sempre estiveram atreladas às questões de linguagem, especificamente, da aquisição de linguagem. O problema de aquisição da linguagem que atinge as pessoas surdas vai além do fato de esses indivíduos não terem como sua primeira língua, ou língua materna, a língua oral, falada no país onde nasceram, como a população ouvinte. Questiona-se, inclusive, se

esses indivíduos teriam língua materna, uma vez que, a maioria absoluta dos surdos nasce em famílias ouvintes que comumente não são falantes da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Cerca de 90% a 96% das crianças com surdez pré-linguística - isto é, que nasceram surdas ou ficaram surdas até os 3 anos - tem pais ouvintes (MOGFORD, 1988;114, PINKER, 1994:39) que, em geral, não são usuários de uma língua de sinais ou que não a usam como um falante nativo (ROSA, 2020, p. 84).

Assim, a maior parte das crianças surdas realiza seu processo de aquisição da língua de sinais convencional – a exemplo da Libras – na escola (quando são assistidas por meio de seus direitos linguísticos), num período tardio, podendo estabelecer o primeiro contato com essa língua somente na adolescência ou na vida adulta; ou, em casos mais extremos, não chegam a nenhum contato.

As literaturas que discutem a linguagem dos surdos relatam que, inicialmente, criou-se a concepção de que a ausência ou perda do estímulo sensorial auditivo impossibilitava o desenvolvimento da linguagem humana e, portanto, somente através da oralidade os surdos conseguiriam adquirir e processar uma língua. Consequentemente, os surdos foram considerados seres desprovidos de linguagem e pensamento (FERNANDES, 2011). Em oposição a essa ideia, os estudos linguísticos e cognitivos do século XX comprovaram que a capacidade da linguagem¹ não reside na audição, visão ou demais órgãos sensoriais, mas é processada num órgão especializado, ou seja, o “órgão da linguagem” que, com base na teoria chomskyana, pode ser compreendida com a Faculdade da Linguagem (FL), uma capacidade mental da expressão genética do homem (CHOMSKY, 1986).

Não é a falta de órgãos que determina que isso aconteça, pois se vê que as pegas e papagaios são capazes de proferir palavras, tal como nós, e, contudo, não podem falar como nós, isto é, de modo a dar provas de que pensam aquilo que dizem. Por outro lado, os homens que nasceram surdos e mudos (*sic*), e estão privados dos órgãos que servem aos outros para falar [...] têm o hábito de inventar por si mesmos alguns sinais por

¹ Os fundamentos filosóficos de Descartes sobre o fato de o aspecto criador da linguagem ser uma atividade exclusivamente do homem contribuíram para o pensamento de Chomsky (1972) na sistematização de sua teoria sobre a FL, um componente inerente e, especificamente, do ser humano que o permite produzir uma língua.

meio dos quais podem fazer-se entender (DESCARTES, 1637, *apud* CHOMSKY, 1972, p. 14).

Alicerçados nessa perspectiva, torna-se inconcebível a ideia de que os surdos possam passar por etapas importantes de suas vidas, como a infância e a adolescência, ou a vida inteira, vivendo num meio social, sem a utilização de uma produção linguística. E, de fato, verifica-se que um tipo de comunicação gestual ocorre entre pessoas surdas e seus familiares ouvintes ou com outros surdos, antes de elas aprenderem uma língua de sinais socializada (língua de sinais falada por uma comunidade surda).

Alguns autores que discutem a temática, a exemplo de Rosa, Goes e Karnopp (2004), caracterizam esses sinais, usados pelos surdos para se comunicar com seus familiares ouvintes, como sinais caseiros ou domésticos², justamente por serem utilizados, prioritariamente, em casa, desenvolvidos no seio familiar.

Mas, seria essa comunicação uma língua com estrutura gramatical ou um sistema de comunicação restrito? Esses sinais podem ser considerados representações subjetivas de objetos e situações ou variantes de outras línguas de sinais? São muitos os questionamentos e debates que surgem sobre essa temática, assim como, têm crescido as pesquisas acadêmicas que investigam esse objeto de estudo.

Considerando as efetivas investigações sobre esse tema, exclusivamente as que se encontram estruturadas em dissertações e teses, desenvolvemos este estudo indagando: Quais as contribuições dessas pesquisas quanto ao debate sobre a possibilidade ou não de os sinais caseiros serem uma língua?

Assim, o estudo em questão tem como objetivo inventariar e analisar as dissertações e teses feitas em programas de pós-graduações, em nível *stricto sensu*, na área de Letras e Linguística, indexadas, prioritariamente, no Catálogo de Teses e Dissertações (CTD) ou Banco de Teses e Dissertações (BTD) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)³, que abordam ‘sinais caseiros’ como objeto de estudo. Objetivamos também verificar o objetivo e, concomitantemente, a concepção de ‘sinais caseiros’,

² Esse termo tem sido utilizado por Goldin-Meadow (1979) e Morford (1996) (SANTANA, 2007).

³ O CTD da Capes é uma plataforma de busca bibliográfica que reúne registros desde 1987. Possui como referência a Portaria nº 13/2006, que "institui a divulgação digital das teses e dissertações produzidas pelos programas de doutorado e mestrado reconhecidos (BRASIL, 2006, p. 1).

bem como a abordagem teórica e conceito de língua que subsidiaram essas pesquisas.

Para cumprir os objetivos postos, na presente investigação, foi utilizado como referencial metodológico a verificação do ‘estado da arte’ ou ‘estado do conhecimento’, uma vez que esse tipo de procedimento permitir identificar, nas pesquisas desenvolvidas, tanto as demandas e questões que carecem de mais estudos, quanto as contribuições já alcançadas acerca da temática, possibilitando-nos um olhar mais profícuo sobre esse objeto de estudo, no sentido de ampliar o debate no cenário acadêmico. A respeito de pesquisas de revisão bibliográfica, comenta Ferreira (2002) que:

[...] de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários (FERREIRA, 2002, p. 257).

Em virtude disso, o mapeamento foi realizado, prioritariamente⁴, no CTD da Capes. Como já referenciado, trata-se de uma plataforma de fácil acesso, que indexa as dissertações e teses defendidas em programas de pós-graduação em todo o Brasil. Portanto, nos permite ter acesso a dissertações e teses desenvolvidas em todas as regiões do país. Além disso, esse banco de dados possui em seu arquivo um número expressivo de pesquisas armazenadas e de pós-graduações vinculadas, totalizando “93.692 registros com 93.656 autores distintos dos 4.250 Programas de Pós-Graduação de 451” instituições de ensino superior no ano de 2019 (CAPES, 2020, p. 4).

Assim, este estudo busca contextualizar o tema ‘sinais caseiros’, dialogando com autores que têm suscitado o debate sobre esse assunto, como Santana (2007), Rosa (2020) entre outros. Focalizando a pergunta central, ‘sinais caseiros é língua?’, que diz respeito a uma investigação mais ampla, procuramos mapear dissertações e tese com vistas à verificação de acepções de sinais caseiros quanto a sua definição como língua ou não. Consideramos

⁴ Em virtude do fato de essa pesquisa utilizar três mapeamentos, sendo que um – o realizado por Santos (2017) – não resulta da busca no CTD da CAPES, mas do site de busca *Google*, ratificamos que, para a constituição do ‘estado do conhecimento’, demos ênfase a dissertações e teses que têm, como objeto de estudo, os sinais caseiros.

relevante fazer uma descrição metodológica do processo de coleta e análise desses dados, para em seguida fazer a análise desse material em torno da nossa questão central, isto é, a compreensão sobre a natureza dos sinais caseiros. Por fim, esclarecemos que, esta pesquisa não esgota as possíveis (re)leituras de teses e dissertações sobre esse tema, que possam aprofundar as reflexões sobre o assunto e levar a possíveis conclusões com base em diferentes objetivos. Dessa forma, uma análise como essa pode ser também percebida como um convite à reflexão sobre o que se tem produzido na área e quais são as lacunas existentes, com o intuito de suscitar futuras pesquisas, na perspectiva de contribuir com o avanço na área.

2 'Sinais caseiros' é língua?

Há várias correntes teóricas que se propõem a explicar o fenômeno linguístico, conseqüentemente, há diferentes perspectivas teóricas e metodológicas que possibilitam analisar a questão do *status* de língua natural desse tipo de manifestação comunicativa sinalizada, tratada como 'sinais caseiros', no sentido de afirmar ou refutar esse *status*. Sendo assim, nosso objetivo nessa pesquisa não é apresentar essas correntes teóricas, mas ratificar que, a abordagem teórico metodológica são os óculos que nos direcionam na investigação de qualquer objeto, visto que, a forma como analisamos determinado fenômeno ou processo, pode influenciar em como a concebemos (e vice-versa). Além disso, também objetivamos verificar o estado da arte no tocante a essa questão, isto é, verificar até onde a questão acima foi levantada ou não, analisada ou não, e a partir de que perspectiva esse objeto foi abordado, nos trabalhos que passamos a discutir nas seções seguintes.

Cientes de que o fazer linguístico humano foi delineado "em diferentes épocas, sociedades, expresso em lendas, hipóteses, trabalhos eruditos e pela própria ciência", é importante destacar que "cada teoria apresenta uma definição de língua, e que não existe uma abordagem única capaz de explicar todos os aspectos (fonológicos, morfológicos, sintáticos, etc.) e dimensões (social, política, cognitiva, etc.) da língua" (SANTOS, 2015, p. 65).

Em vista disso, encontramos nas literaturas que discutem os sinais caseiros divergências conceituais sobre o *status* de língua desse tipo de sinalização. Conforme mencionamos, esse fenômeno, os sinais caseiros, é comum às pessoas surdas filhas de pais ouvintes, que, na impossibilidade de aquisição de uma língua socialmente já utilizada, oral ou sinalizada – por não

terem acesso a um *input* linguístico, pela falta de audição, e por não terem contato com usuários de uma língua de sinal convencional – acabam por buscar outro meio de linguagem de forma sinalizada, desenvolvem seus próprios sistemas de comunicação através de sinais, para dialogar com seus familiares (ROSA, 2020). Destarte, estes sinais são caracterizados como “as maneiras únicas, os modos de fazer gestos ou de sinalizar de cada indivíduo, que são usados na família, em casa – daí a denominação ‘sinais caseiros’ ou ‘gestos caseiros’” (MATOS, 2016, p. 129). Morford (1996) defende que “esses gestos refletem o desenvolvimento da capacidade linguística inata da criança na ausência da linguagem. Ou seja, as crianças criam o próprio sistema comunicativo quando não recebem *input* linguístico” (*apud* SANTANA, 2007, p. 85).

Se por um lado é incontestável que os surdos privados de uma língua sinalizada criam sinais e se comunicam com seus familiares, apoiados ou não em gestos e demais meios de expressão, por outro lado, há muitas perguntas esperando por respostas sobre a natureza linguística desses sinais, isto é, essas formas de comunicação denominadas sinais caseiros, seriam ou não línguas? É possível que esse tipo de comunicação cotidiana e única entre humanos esteja restrita a necessidades básicas, limitadas e superficiais?

Diante desses questionamentos, encontramos estudos como o de Kegl, Senghas e Coppola (1999 *apud* SANTANA, 2007) que apóiam a tese de que esses sinais são gestos e mímicas das representações subjetivas de objetos e situações, desprovidas de sistema gramatical e distantes de se tornarem línguas naturais. Nesse mesmo pensamento, Gleitman e Newport (1995 *apud* ROSA, 2020, p. 87) enfatizam que “esses sistemas carecem da parte funcional de uma língua natural, como artigos ou verbos auxiliares” e, portanto, não se transformam numa língua. O relato de Helen Keller, escritora americana surdocega, tem corroborado essa perspectiva na medida em que ela reporta que, aos 5 anos, já percebia que os sinais que utilizava com sua amiga, filha da cozinheira, se tornavam impróprios (ROSA, 2020).

De modo oposto, os estudos de Santana (2007) apontam que Goldin-Meadow (1979) e Morford (1996) compreendem que estes sinais são estruturados como um léxico, com morfologia e regras sintáticas. Para Goldin-Meadow (1979) os sinais caseiros é a prova de que somos dotados de criatividade para a linguagem (SANTANA, 2007).

Com base na perspectiva biológica, o *input*, caracterizado, pela Teoria Gerativa, como a interação social com um sujeito falante, é o que ativa os mecanismos internos da Faculdade da Linguagem, a saber, a Gramática

Universal (GU), para gerar uma língua. Se, por um lado, a afirmação de que os surdos ‘criam sinais caseiros mesmo sem receber um *input*’ têm fortalecido a teoria biológica da aquisição da linguagem, sob outra perspectiva, a concepção interacionista tem defendido que esses sinais são convencionalizados nas interações sociais familiares e, portanto, fruto do processo histórico-cultural. Nesse sentido, afirma Santana (2007) que:

É porque os gestos são interpretados pelo outro e, assim, internalizados, que há a possibilidade de criação de outros gestos [...]. Não é um *input* linguístico que proporciona a linguagem, mas a relação de interdependência entre o contexto social e as práticas com a linguagem, entre o signo e o sentido compartilhado por duas ou mais pessoas (SANTANA, 2007, p. 86).

Assim, é possível observar que, de modo geral, o estudo sobre sinais caseiros tem sido atravessado ou pelo viés biológico ou pelo interacionista. Contudo, não nos interessa adentrar nessa discussão, mas identificar as produções existentes na área e, numa pesquisa posterior, apresentar dados que nos auxiliem a evidenciar ou não a hipótese de que ‘sinais caseiros é uma língua’, de modo a acrescentar contribuição ao arcabouço existente.

Em vista das diferentes perspectivas de conceito de língua e, conseqüentemente, sobre sinais caseiros, esta pesquisa analisa as contribuições conceituais sobre esse fenômeno das dissertações e teses indexadas, prioritariamente, no CTD da CAPES, verificando a existência de produção científica na área, fundamentada na concepção inatista da linguagem.

3 O mapeamento das pesquisas sobre 'sinais caseiros'

Para alcançarmos o objetivo proposto neste trabalho, orientamos esta pesquisa, como já mencionado, a partir da metodologia de caráter bibliográfico, conhecida como ‘estado da arte’, em virtude da necessidade de conhecer a produção acadêmica e científica sobre o tema ‘sinais caseiros’ e, não obstante, as perspectivas sob as quais esse fenômeno vem sendo analisado. De acordo com Soares e Maciel (2000):

As pesquisas de caráter bibliográfico, com o objetivo de inventariar e sistematizar a produção em determinada área do conhecimento (chamadas, usualmente, de pesquisas do “estado da arte”), são recentes, no Brasil, e são, sem dúvida, de grande importância, pois pesquisas

desse tipo é que podem conduzir à plena compreensão do estado atingido pelo conhecimento a respeito de determinado tema – sua amplitude, tendências teóricas, vertentes metodológicas (SOARES; MACIEL, 2000, p. 9).

Enfoca-se, assim, a importância de um mapeamento de estudos anteriores, quando estamos introduzindo uma pesquisa, em virtude de que, esse mapeamento possibilita um balanço do que se tem produzido em determinada área de conhecimento. Além de permitir quantificar a produção que incidem sobre determinado tema, num período, local e área determinada, essa metodologia nos permite interagir com as produções acadêmicas para identificar aspectos, tendências, abordagens, contrastes, entre outros aspectos, proporcionando aproximações e contrastes de conceitos sobre determinado objeto de estudo.

Ciente das dimensões que o estado da arte proporciona, a presente pesquisa inicialmente se guiou pelos seguintes critérios de coleta de dados: primeiro fizemos o levantamento das pesquisas, em seguida, realizamos a leitura dos resumos e palavras-chave para identificar o tema que elas abordavam, categorizando-as com a finalidade de constituir o *corpus* de análise. Segue uma descrição desse percurso.

3.1 Procedimento de coleta de dados

O *corpus* desta pesquisa foi constituído, inicialmente, por dois mapeamentos realizados no Grupo de Pesquisa Análise e Aprendizagem das Línguas de Sinais (AnALiSi)⁵ e, posteriormente, por uma atualização da busca no Banco de Teses e Dissertações da CAPES.

O primeiro mapeamento, realizado por Santos (2017), teve sua busca das pesquisas sobre sinais caseiros no repositório da biblioteca virtual *SciELO*, mas não encontrou nenhum artigo relacionado ao tema. Sem êxito, reiniciou a busca no *Google*, o que possibilitou o conhecimento de 22 pesquisas produzidas entre os anos 1989 a 2017. Após categorizar os trabalhos por tema, identificou-se que dos 22 trabalhos, apenas 10 "abordam em seus objetivos

⁵ O referido Grupo de Pesquisa está vinculado à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), onde uma das pesquisadoras tem vínculo como docente e atua como pesquisadora, elucidando, desde então, o debate acerca do tema 'sinais caseiros' junto aos estudantes Santos (2017) e Laranjeira (2019).

discussões sobre sinais/gestos ou língua de sinais caseiras" (SANTOS, 2017, p. 17).

Santos (2017) também quantificou os trabalhos quanto a tipologia textual e detectou 8 pesquisas em formato de artigo, 6 dissertações, 6 capítulos de livros e 2 teses. Para análise da presente investigação a respeito do 'estado do conhecimento' sobre sinais caseiros nos interessa as dissertações e teses, por isso, nos debruçamos apenas nesses textos. Assim, das 6 dissertações encontrados por Santos (2017), 5 entrelaçam em seus objetos de estudo a temática 'sinais caseiros' ou 'sinais indígenas', a saber: Vilhalva (2009), Adriano (2010), Kumada (2012), Sumaio (2014) e Azevedo (2015); e, apenas uma pesquisa, a de Correa (2007), não faz referência ao tema, uma vez que, investiga a relação intrínseca entre a fala (especificamente a modalidade gesto-visual) e o gesto⁶ na comunicação humana.

Também foi possível constatar que as teses identificadas na área de Libras não abordavam a temática. A pesquisa de Pereira (1989) investigou a aquisição e desenvolvimento da linguagem de crianças surdas na interação com suas mães e apresenta o termo 'gesto' se referindo a sinais, visto que, na época do desenvolvimento do trabalho, a Libras não era reconhecida linguisticamente; e a tese de Gesser (2006) objetivou analisar as relações da Libras e do Português, e suas respectivas culturas e identidades, no ensino e aprendizagem da Libras. Conforme mencionamos, ambos os trabalhos não tratam de sinais caseiros, contudo o último, o de Gesser (2006), abordou a temática em um de seus capítulos.

No que tange ao segundo mapeamento, Laranjeira (2019) realizou o inventário das pesquisas sobre 'sinais caseiros', a partir do CTD da Capes, buscando o período de 2003 a 2017. Para tanto, a pesquisadora utilizou, nas consultas na *Web*, o termo exato 'sinais caseiros', o que resultou em um número expressivo de dados. À vista disso, ela realizou uma nova busca com refinamento, considerando a área de conhecimento, a área de concentração e programas de pós-graduação relacionados ao domínio de Letras e suas especificidades. Dessa vez, a busca gerou dados sobre 125 resumos de teses e dissertações.

⁶ Pode-se identificar, nas literaturas que abordam a temática 'sinais caseiros', uma relação desses sinais com a produção de gestos por surdos no período de sua aquisição da linguagem. Em razão disso, é possível que algumas pesquisas, a exemplo da dissertação de Correa (2007), sejam relacionadas ao termo 'sinais caseiros', embora não façam discussões sobre esse objeto de estudo.

Após leitura dos resumos e palavras-chaves, a autora identificou que apenas 3 trabalhos no nível de dissertação abordam o tema. Com o número reduzido, Laranjeira (2019) acrescentou ao seu estudo uma dissertação encontrada na plataforma Sucupira, totalizando 04 dissertações. Dessas, duas são análogas às pesquisas identificadas por Santos (2017), que são as dissertações de Adriano (2010) e Sumaio (2014) e as outras duas são as pesquisas de Barretos (2016) e de Matos (2016). Essa última também não discute os sinais caseiros, mas a utilização, por surdos e ouvintes, da linguagem gestual na contação de uma história sem a vocalização das personagens, verificando a frequência e os tipos de gestos necessários.

Em março de 2021, realizamos o terceiro mapeamento, também utilizando o CTD da Capes e, portanto, ampliando o mapeamento de Laranjeira (2019). Utilizando o descritor ‘sinais caseiros’ foi possível identificar 26.562 pesquisas. Ao refinar esse resultado para os anos 2017⁷ a 2019, encontramos o total de 5.122 pesquisas. Uma vez que esse quantitativo ainda era expressivo para análise, foi preciso realizar outro refinamento. Assim, optamos por definir a Área de conhecimento: Letras e Linguística, o que nos permitiu a inventariação de 165 pesquisas, sendo 134 dissertações e 31 teses.

Realizamos a leitura dos títulos, resumos e palavras-chaves desses trabalhos para identificar se o tema abordado tem relação com o objeto de estudo, assim, foi possível delimitar os trabalhos em 5 áreas, a saber, (a) 127 pesquisas sobre Libras, Língua Portuguesa para surdo e suas especificidades; (b) 28 na área de Língua Portuguesa e suas literaturas; (c) 04 sobre línguas estrangeiras e suas literaturas; (d) 4 discutem temas relacionados a linguagem, didática, aprendizagem e cognição e (e) 2 versam sobre estudos de tradução (exceto em Libras).

Assim, foi possível identificar que das 165 pesquisas 76,97% versam sobre a Língua de sinais e/ou surdo. Também, identificamos os temas abordados nessas 127 pesquisas, as quais foram compiladas em 11 temáticas conforme explicita o *Quadro* seguinte.

⁷ Iniciamos a nossa busca pelo ano de 2017, já pesquisado por Laranjeira (2019) por considerar que, entre o período que Laranjeira (2019) iniciou sua busca e o término do ano, é possível que os Programas de Pós-graduação tenham depositado as dissertações e teses defendidas no ano de 2017.

Quadro 1. Delimitação de temática das pesquisas na área de Libras encontradas no CTD da Capes (2017-2019).

| PESQUISAS DA ÁREA DE LIBRAS | |
|---|------------|
| TEMÁTICA | QUANTIDADE |
| Aspectos linguísticos da Libras | 28 |
| Aquisição da Libras | 03 |
| Ensino e aprendizagem da Libras (como L1 e L2) | 07 |
| Língua Portuguesa escrita como L2 para surdos | 18 |
| Literatura, cultura e identidade surda | 14 |
| Estudos de tradução e interpretação, incluindo formação de tradutores e intérpretes de Libras | 31 |
| Terminologias e glossário em Libras | 12 |
| Tópicos inerentes à inclusão do surdo | 05 |
| Linguagem e cognição do surdo | 01 |
| Sistemas de escrita de sinais | 03 |
| Sinais caseiros/indígenas | 05 |
| Total | 127 |

Foi possível constatar nesse mapeamento que dos 127 trabalhos que versam sobre a Língua de sinais e/ou sobre o surdo apenas 5 pesquisam os sinais caseiros ou indígenas, a saber, as dissertações de: Damasceno (2017), Eler (2017), Costa (2017), Gregianini (2017) e a tese de Sumaio (2018)⁸. Essa tese é uma continuidade da dissertação da autora e tem como objetivo discutir se os sinais utilizados pelos povos surdos Terenas podem ser considerados língua, se é um idioma autônomo ou uma variedade da Libras.

Assim, através dos mapeamentos de Santos (2017) e Laranjeira (2019) e da ampliação que fizemos posteriormente, pudemos constituir o *corpus* desse estudo com 11 pesquisas, sendo 1 tese e 10 dissertações. Entre estas pesquisas, 9 abordam os sinais de surdos indígenas, a saber, a dissertação de Vilhalva (2009), Sumaio (2014), Azevedo (2015), Barretos (2016), Damasceno (2017), Eler (2018), Gregianini (2017), Costa (2017) e a tese de Sumaio (2018). Já as pesquisas de Adriano (2010) e Kumada (2012) tratam de sinais caseiros de surdos não indígenas, análoga ao presente estudo.

⁸ Embora no CTD a referida tese esteja identificada como de autoria de Sumaio (2018), na pesquisa física seu nome foi acrescido do sobrenome Soares (2018) pelo qual a tese é referenciada.

3.2 Procedimento de análise de dados

Como procedimento metodológico para análise dos dados, esta pesquisa utilizou-se da análise documental por entender que esse procedimento permite "identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse" (LUDKE e ANDRÉ, 1986 p. 38). Portanto, a primeira análise das pesquisas intencionou identificar o objetivo dos estudos. Em seguida, verificamos dois aspectos: a concepção de sinais caseiros e a concepção teórica de língua que norteou as pesquisas. Depois aproximamos as pesquisas que apresentavam concepções afins, verificando as diferentes abordagens e possibilidades de se estudar o fenômeno.

4 Análise das dissertações e uma tese sobre sinais caseiros

Conforme explicitamos, a análise dos dados ocorreu em três momentos. Em cada etapa, observamos, para além das contribuições, a existência de pesquisas de abordagem gerativista sobre sinais caseiros, e o foco de suas abordagens, no intuito de evitar o desenvolvimento de pesquisas pariformes, uma vez que é nosso intuito desenvolver pesquisa gerativista sobre esse tema.

4.1 O escopo das pesquisas sobre sinais caseiros

Quanto aos objetivos, verificamos que a maioria das pesquisas buscou identificar, registrar/mapear e descrever aspectos lexicais dos sinais caseiros. Como exemplo de trabalhos com esse objetivo, citamos a pesquisa de Vilhalva (2009, p. 11), que procurou "mapear e registrar, através do olhar de como as línguas de sinais familiares estão emergindo no contexto plurilíngue, especificamente nas aldeias Jaguapiru e Bororo das comunidades indígenas do município de Dourados no estado de Mato Grosso do Sul".

De modo semelhante, podemos citar as pesquisas de Sumaio (2014), Damasceno (2017), Eler (2017), Gregianini (2017) e Costa (2017). A primeira, além de registrar os sinais e procurar entender sua origem e seu uso, objetivou investigar se esses sinais possuem uma estrutura gramatical, ou seja, buscou identificar se é uma língua. Contudo, devido à insuficiência de dados, esse último objetivo foi contemplado somente em sua tese, em 2018. Apesar disso,

a autora concluiu a dissertação afirmando que nos sinais terena "há vários indicativos de que se trata de uma língua com estrutura, com gramática" (SUMAIO, 2014, p. 111).

A segunda pesquisa, a de Damasceno (2017), objetivou fazer o inventário das línguas de sinais dos surdos Pataxó, que residem na aldeia de Coroa Vermelha, localizada no município de Santa Cruz de Cabralia (Bahia). Quanto às demais, essas mapearam os Sinais Paiter Suruí "na aldeia Gapgir, da Terra Indígena Sete de Setembro, município de Cacoal, Estado de Rondônia" (ELER, 2017, p. 8). Especificamente, Eler (2017) teve em seu escopo a educação escolar indígena, Gregianini (2017) analisou os sinais utilizados no contexto comunitário, enquanto Costa (2017) delimitou a comunicação do surdo Paiter Suruí no contexto familiar.

Azevedo (2015) e Barretos (2016) se concentraram em identificar a forma de comunicação dos índios surdos com seus pares e, por consequência, também fizeram registro de lexias utilizadas na comunicação dos surdos indígenas porque, conforme Barretos (2016), ao investigar a comunicação dos surdos, o pesquisador percebeu a necessidade do registro, descrição e análise dos sinais Akwê-Xerente, denominação do povo indígena pesquisado.

Já a pesquisadora Kumada (2012) investigou as representações sobre as línguas de sinais caseiras de familiares de crianças surdas e profissionais surdos e ouvintes participantes de um programa de apoio escolar bilíngue, apresentando-nos várias acepções sobre esses sinais. Por fim, as pesquisas de Adriano (2010) e Sumaio (2018) concentraram-se na verificação da existência da estrutura linguística nos sinais caseiros e indígenas, ou seja, se esses sinais podem ser considerados uma língua, e sendo essa hipótese seja confirmada, se se trata de uma língua autônoma ou uma variedade da Libras.

Apesar de apenas 2 pesquisas objetivarem analisar a natureza linguística dos sinais caseiros e indígenas, todas as pesquisas apresentam, de certa forma, a indagação a respeito do *status* de língua desses sinais, em virtude de eles possibilitarem a comunicação dos surdos, que não tiveram acesso a Libras, com seus familiares e comunidades indígenas (em relação às pesquisas desenvolvidas sobre sinais indígenas em escolas e comunidade local).

4.2 A relação entre as concepções teóricas e os termos atribuídos aos sinais caseiros: resultados de pesquisas

No que tange o uso de terminologias atribuídas à comunicação gestual de surdos não usuários da Libras ou em processo de aquisição tardia dessa

língua, podemos perceber a existência de uma variedade de nomenclaturas, as quais expressam concepções do pesquisador com base na forma ou na função desses sinais, tratando-os ou não como sistema. É possível verificar que essa variação está, em certa medida ligada, ao fato de que a escolha do termo tem uma implicação teórica.

Quando, por exemplo, designam-se essa comunicação gestual pelos vocábulos ‘simbolismo’ e ‘gesto’, entende-se que os sinais caseiros são representações subjetivas do mundo e do objeto, convencionadas por seus interlocutores. Assim como, o uso do termo ‘sistema de sinais’ remete a uma caracterização de aspectos linguísticos.

Já os termos ‘sinais caseiros’, ‘sinais emergentes’ ou sinais domésticos’ são utilizados com concepções divergentes. Enquanto alguns autores os consideram uma língua, a exemplo de Morford (1996) *apud* Santana (2007), que reconhece os sinais domésticos como sistemas de comunicação criados pelas crianças surdas na ausência de um *input* linguístico e, portanto, possuem as mesmas propriedades de línguas naturais; em oposição, há pesquisadores que não reconhecem que esses sinais possuem *status* linguístico, conforme expressam Kelg, Senghas e Coppola (1999), Santana (2007) ao conceituarem os sinais domésticos como mímicas e ausentes de um sistema gramatical.

Ademais, os termos ‘embrião da linguagem’, ‘língua primária’, ‘línguas emergentes’ ou ‘*pidgin*’ denotam a ideia de línguas em gestação ou transitórias, em mudança, instáveis, que variam e evoluem para um sistema mais complexo, conforme discorre Vilhava (2009) em sua dissertação.

Essa pesquisadora surda, Vilhalva (2009), que investiga sinais de surdos indígenas, no bojo de suas discussões, apresenta três termos: língua de sinais familiares, língua de sinais emergentes e língua de sinais indígenas. Ela considera que os "sinais emergentes, também conhecidos como sinais caseiros, são essenciais quando vistos como comunicação natural usada em um espaço familiar ou social" (VILHALVA, 2009, p. 14). De acordo com seu pensamento, esses sinais são o ponto de partida das novas línguas sinalizadas, que se constituem através da interação dialógica, processo pelo qual se institui a convenção desses sinais.

De maneira análoga, Costa (2017) e Gregianini (2017) reconhecem que existem línguas de sinais indígenas e a necessidade de sua documentação; porém, consideram os Sinais Paiter Suruí (SPS) uma linguagem que pode ser aprimorada e considerada uma língua. Afirma a autora que, com “incentivos, conscientização e aprofundamento científico, pode vir a ser considerada uma língua, a língua dos surdos Paiter Suruí” (GREGIANINI, 2017, p. 166).

Kumada (2012), que pesquisou as representações sobre os sinais caseiros diz não concordar com "os termos 'gestos', '*pidgin*' ou mesmo 'variações', se forem usados para desvalorizar o potencial linguístico que os 'sinais caseiros' constituem para a criança surda e seus familiares e/ou profissionais ouvintes"(KUMADA, 2012, p. 23). Com base na lógica multilíngue, a autora defende o uso do termo 'línguas de sinais caseiras'.

Já Adriano (2010) conclui sua pesquisa afirmando que os sinais caseiros podem ser considerados uma língua porque:

Os sinais produzidos pelos surdos investigados revelam um sistema linguístico natural na modalidade espaço-visual que, embora simples, é capaz de preservar a capacidade cognitiva do indivíduo, e possibilitar sua interação comunicativa com familiares e outros de seu convívio. Por essas razões, os sinais caseiros parecem preencher os quesitos para se qualificarem enquanto língua – uma língua de sinais (ADRIANO, 2010, p. 7).

Além desses termos, muitos pesquisadores de sinais de surdos indígenas identificam a comunicação desses sujeitos pelo nome da tribo ou comunidade local, a exemplo das pesquisas de: Sumaio (2014) e Sumaio (2018), que intitula seu objeto de Sinais Terena; Azevedo (2015), que pesquisou a língua de sinais Sateré-Mawé; Barretos (2016), que investigou os Sinais Akwê; Damasceno (2017), que inventariou a língua de sinais Pataxó; e Eler (2017), Costa (2017) e Gregianini (2017), que estudaram os Sinais Paiter Suruí.

Portanto, verificamos nesses trabalhos que, apesar de apresentarem diferentes objetivos, em todas as pesquisas indaga-se sobre o *status* de língua desses sinais, assim como sobre a necessidade política e cultural de demarcar as várias línguas de sinais do Brasil. Também foi possível identificar que das 11 pesquisas, 7 denominam os sinais caseiros e indígenas de línguas, motivados ora por se considerar que esses sistemas de sinais possuem estrutura gramatical comum às línguas naturais, ora por trata-las no sentido de uma língua em desenvolvimento, ora devido ao posicionamento político e cultural decorrente da necessidade de demarcar a existência de uma variação de língua de sinais no Brasil.

As demais pesquisas que utilizaram apenas o termo 'sinais' para se referir a comunicação gestual de surdos (índigenas e não indígenas) não usuários da Libras ou em processo de aquisição tardia, o fizeram reconhecendo que esses sinais propiciam a comunicação entre surdo-ouvinte

e surdo-surdo e que, portanto, carecem de mais investigação e análise sobre sua estrutura (BARRETOS, 2016).

Sendo assim, as pesquisas analisadas pontuam a importância da valorização e respeito aos sinais caseiros e indígenas, visto que eles permitem a transmissão de cultura e o desenvolvimento cognitivo e linguístico das crianças surdas. Afirmam que esses sinais apresentam estrutura fonológica, morfológica e sintática semelhante a Libras e são convenencionados pela família e comunidade local. No entanto, ponderamos que tais afirmações não estão referenciadas com fundamentos que caracterizem esses recursos de comunicação, de fato, como línguas, porque tais trabalhos não apresentam dados nem análises contundentes que sustentem essas afirmações, conforme explanamos a seguir.

4.3 Análise conceitual de língua nas pesquisas sobre sinais caseiros

Ao observar a concepção de língua que subsidiou as análises das pesquisas, pudemos identificar que os estudos se apoiaram ora na abordagem saussuriana de língua, ora na perspectiva sócio-histórica, ou ainda na concepção multicultural. No que tange a concepção estruturalista, a pesquisa de Adriano (2010, p. 33) explica que "[...] os sinais caseiros (SC) fazem parte da linguagem, podendo se constituir em uma língua, por apresentar um sistema de representações abstratas comunicativas". Com base nesse pensamento, a autora explicita a concepção saussuriana da língua enquanto um sistema abstrato constituído de um conjunto de signos, estabelecido e adotado por um grupo social.

Do mesmo modo, Vilhalva (2009) corrobora os estudos saussurianos (1995) como fundamento de sua definição de língua, afirmando que:

[...] abriu espaço, embora talvez nem soubesse, para os estudos das línguas de sinais. Isso porque as línguas de sinais também envolvem sistemas de regras abstratas, também podem ser analisadas por meio de um sistema de valores e também são fatos sociais, uma vez que são usadas por comunidades linguísticas (VILHALVA, 2009, p.16).

De modo equivalente, Sumaio (2014, p. 100) evidencia que os Sinais Terena é uma língua a partir de dois princípios: o primeiro o de que a língua é "um produto social da faculdade de linguagem", confirmando que os surdos criaram sinais pela necessidade social de comunicação; e o segundo princípio,

segundo o qual a língua é "um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos", ou seja, que os Sinais Terena são formados por unidades mínimas, a saber, fonemas, constituindo um signo linguístico com significado e significante convencionado na comunidade.

A autora complementa em sua tese que a língua é abstrata, portanto possui uma gramática, com demarcação temporal, por exemplo, "capazes de atingir do nível de abstração de qualquer língua" (SUMAIO, 2018, p. 197). Suas afirmações sobre o *status* de língua dos Sinais Terena são baseadas numa abordagem léxico-estatística comparada que busca cognatos entre as várias línguas e, portanto, justifica a análise comparativa entre a Libras e os Sinais Terena. Apesar de encontrar alguns aspectos gramaticais nos sinais analisados e, inclusive, diferentes da gramática da Libras, a autora conclui que a manifestação inicial das crianças surdas são sistemas de sinais caseiros que se desenvolvem em língua natural somente por meio do contato com outros surdos. Afirma a autora que:

Ocasionalmente essas crianças desenvolvem sistemas de sinais caseiros, comparáveis a sistemas de comunicação simples, que não exibem características de LS naturais. Entretanto, assim que essas crianças que desenvolveram sinais caseiros, são colocadas juntas, em uma escola, por exemplo, uma língua de sinais natural pode se desenvolver, [...]. Como já dito, há anos eles têm contato uns com os outros (se não com todos, com alguns pelo menos), então puderam desenvolver a língua com pleno entendimento entre eles (SUMAIO, 2018, p. 188-189).

Dito isso, podemos considerar que essa concepção de língua é contrária à abordagem gerativa, com base na qual nos propomos a investigar os sinais caseiros. O contato com um sujeito falante qualquer é apenas o *input*, ou seja, um dado de entrada que determina a aquisição da língua já falada por outros indivíduos. Entretanto, os princípios universais que geram essa e qualquer outra língua natural, oral ou sinalizada, já estão presentes no sujeito adquirente de forma inata, em sua faculdade da linguagem e, certamente são eles que permitem que na comunicação entre uma criança surda e outras pessoas surdas ou não possam surgir um sistema de sinais caseiros. O fato de esses sistemas não exibirem exatamente as características encontradas em outras línguas de sinais não quer dizer que esses não possam ser uma língua, na perspectiva gerativista. Ademais, verificamos que a autora aborda a língua-

E e não a língua-I,⁹ uma vez que não está tratando da forma de internalização de valores paramétricos presentes em línguas naturais por via da GU e do *Input*, conforme o que concebe a teoria gerativa.

Os estudos de Azevedo (2015), Barretos (2016) e Eler (2017) não apresentam explicitamente um conceito de língua, contudo, tratam os sinais caseiros como língua natural com sistema linguístico apresentando as seguintes características:

flexibilidade, versatilidade, arbitrariedade, descontinuidade, criatividade, produtividade, dupla articulação, padrão de organização dos elementos, e dependência estrutural. Logo, conclui-se que tais características são específicas da faculdade da linguagem humana (QUADROS e KARNOPP 2004 *apud* AZEVEDO, 2015, p. 20).

Barretos (2016) se utiliza da lei que reconhece o *status* linguístico da Libras, por possuir uma estrutura gramatical e transmite ideias e pensamentos, para justificar a adoção do mesmo *status* para os sinais indígenas de seu estudo. E, por fim, Costa (2017), Gregianini (2017) e Eler (2017, p. 45) fundamentam-se nos estudos culturais pós-crítico e nos pressupostos da etnolinguística, para conceber, como língua, esses sistemas de sinais, considerando que esses têm a função de determinar "as práticas de interações sociais e fazendo dela a fortalecedora da identidade e cultura surda". Constatamos, assim, que a ideia de língua, nesses trabalhos, não se prende à concepção estruturalista, mas, em contrapartida, também não está acoplada ao pensamento gerativista acerca da língua-I, a exemplo de Azevedo (2015), que, ao citar Skliar (1998), não reconhece a espontaneidade biológica da língua.

Numa abordagem contemporânea, Kumada (2012) e Damasceno (2017) apresentam a concepção de "língua como caleidoscópio" com base em César e Cavalcanti (2007). Seus estudos permearam a visão sócio-histórica e cultural da língua e, portanto, "propõem uma discussão sobre a diversidade dos usos linguísticos que não se restrinja a dicotomias como *língua* e *dialeto*, mas considere o *multilinguismo* que envolve as práticas discursivas e sociais" (DAMASCENO, 2017, p. 56- 57).

⁹ Chomsky (1986) considera a língua-I, também referida na literatura gerativista simplesmente como língua, um sistema de regras que "atribui a cada expressão uma estrutura [...]. Esta estrutura deve fornecer ao indivíduo que conhece a língua toda a informação disponível acerca de uma expressão" (CHOMSKY, 1986, p. 62-63). Em contrapartida, a língua-E, caracterizada como signo linguístico, e concebida de maneira irrelevante visto que seu "constructo é compreendido independentemente das propriedades da mente/cérebro" (CHOMSKY, 1986, p. 39).

Em suma, o presente mapeamento evidencia o relevante repertório de pesquisas sobre os sinais caseiros, principalmente no campo da linguística. Todavia, podemos conferir que a maioria das pesquisas não demonstra, em suas análises, indícios de que os ‘sinais caseiros’ são uma língua natural. Esse fato é verificado, quando observamos que, das 11 pesquisas, apenas a dissertação de Adriano (2010) e a tese de Sumaio (2018) trazem a análise dos ‘sinais caseiros’ que consideram aspectos gramaticais desses e, portanto, podem ser considerados línguas.

As demais pesquisas, conforme explicitamos, buscaram identificar, registrar, documentar e analisar os sinais utilizados pelos surdos em sua comunicação, especialmente, em comunidades indígenas. Portanto, não poderiam contemplar em suas análises uma descrição detalhada da estrutura gramatical desses sinais porque esse não foi o objeto de investigação das mesmas.

Em relação às duas pesquisas que investigaram o *status* de língua de ‘sinais caseiros’, a de Sumaio (2018) e a de Adriano (2010), podemos verificar que, suas análises ocorreram, exclusivamente, por meio do léxico, observando os aspectos fonológicos, morfossintáticos e lexicais, comparando os sinais coletados com o léxico da Libras.

A primeira autora descreve que, para coleta de dados, utilizou imagens de diferentes campos semânticos, para identificar os sinais que os surdos terenas usam para cada item. Esses sinais foram gravados, fotografados e transcritos para glosas em Português, acompanhadas de traduções nessa língua. Observou-se, na análise, cada parâmetro, no intuito de identificar pares mínimos e fonemas.

Depois de comparar 200 palavras da Libras e 200 palavras da Língua Terena de Sinais (LTS), conforme a autora denomina, Sumaio (2018) constatou apenas 29% de semelhança entre esses léxicos, o que a fez considerar que, possivelmente, "a LTS surgiu e se desenvolveu antes de qualquer contato com a LIBRAS" (SUMAIO, 2018, p. 95). Por fim, a autora conclui que:

utilizando métodos da léxico-estatística, pude perceber que a língua de sinais que os terena usam não é uma variedade da LIBRAS, pois elas são muito diferentes em seu léxico, o que podemos perceber principalmente observando seus constituintes fonológicos. No momento presente, portanto, não é mais necessário ter o cuidado de chamar essa língua de “sinais terena”. Passo agora a chamar esse sistema de “língua terena de sinais”, especificando que é a língua falada

na TI Cachoeirinha, pois é possível que outros terena surdos falem uma língua diferente (SUMAIO, 2018, p. 197).

No que tange a segunda pesquisa, coletou-se produção espontâneas de 3 sujeitos surdos, "registrada em única sessão em períodos que variaram entre 10 e 20 minutos, somando um total de 40 minutos de registros semióticos" (ADRIANO, 2010, p. 46). A transcrição dos diálogos espontâneos em sinais caseiros também foi feita em glosas do Português, acompanhadas de tradução nessa língua, utilizando o *software* ELAN (EUDICO – *Linguistic Annotator*).

Feita a transcrição, a autora procedeu com a análise dos dados por meio da descrição do léxico, com base nos estudos de "Fusillier (2004) em que realiza uma análise descritiva do léxico" (ADRIANO, 2010, p. 45). Para tanto, retirou do diálogo alguns sinais caseiros e os comparou com sinais da Libras, observando os parâmetros fonológicos descritos por Stokoe (1960), Battison (1974) e Bellugi, Klima e Siple (1975) *apud* Quadros e Karnopp (2004), a saber: configuração de mão, movimento, expressões não manuais, orientação e ponto de articulação. Após a análise a autora chegou à conclusão de que:

Os SC apresentam aspectos linguísticos comuns às LS, como: combinação dos parâmetros fonológicos na construção dos sinais, iconicidade e arbitrariedade, formação de novas glosas a partir de raízes já existentes (composição), representações numéricas, relações pronominais dêixis e referenciais temporais, foi possível testificar com os dados apresentados nos quadros expostos no corpo deste trabalho e nos anexos. Por apresentar esses aspectos linguísticos, acredito que os SC podem constituir-se em uma língua de sinais, embora esteja consciente de que ainda há muito a ser explorado, e que nesse campo de estudo, em específico, há divergências quanto ao *status* de língua imputado aos sinais caseiros (ADRIANO, 2010, p. 86).

Cientes de que uma língua natural se manifesta em nível fonológico, semântico, lexical, etc., reconhecemos que as pesquisas de Sumaio (2018) e Adriano (2010) apresentam reflexões importantes para os estudos linguísticos sobre sinais caseiros, principalmente no campo fonológico, ainda que tenham ficado lacunas decorrentes da necessidade de ampliação de análises das estruturas gramaticais, com fundamentos teóricos que possam dar uma resposta mais contundente a respeito do *status* de língua, desses sistemas de comunicação.

Sendo assim, na medida em que reconhecemos a valorosa contribuição dessas pesquisas, concomitantemente, verificamos que o recorte metodológico de ambas deixa lacunas. Acreditamos que o desenvolvimento de uma pesquisa, ancorada na teoria gerativa, poderá trazer evidências e análises explicativas capazes de conceber o *status* de língua natural de sistemas de ‘sinais caseiros’ de forma contundente.

5 Considerações finais

Com base nos resultados encontrados podemos considerar a importância do desenvolvimento dessas pesquisas, uma vez que elas visibilizam os temas ‘sinais caseiros’ e “sinais indígenas” no debate acadêmico, além disso, apresentam diferentes enfoques sobre esse fenômeno.

Apesar da crescente produção na área de estudo de línguas de sinais, com uma ascendência maior no ano de 2017, quando foram publicadas 4 dissertações, no que tange aos estudos de sinais caseiros não relacionados aos surdos indígenas, só encontramos 2 pesquisas, uma em 2010 e outra em 2012. Esse dado aponta a necessidade de mais estudos na área.

Ao analisar os objetivos, verificamos que das 11 pesquisas apenas 2 apresentaram enfoque na investigação da natureza gramatical dos sinais, sendo que a tese de Soares (2018) analisou os sinais indígenas, enquanto a dissertação de Adriano (2010) investigou os sinais caseiros. Contudo, por considerar que os sinais indígenas, frente ao contexto apresentado na tese de Soares (2018), são um fenômeno análogo aos sinais caseiros descritos na dissertação de Adriano (2010), ou seja, surdos que não tiveram acesso a uma língua de sinais padrão e, conseqüentemente, “criam” sinais para se comunicar com seus familiares ouvintes, consideramos que as duas pesquisas tiveram objetivos afins, não diferenciando sinais caseiros de sinais indígenas. Quiçá, uma pesquisa futura poderá examinar parâmetros gramaticais (na perspectiva gerativista) entre esses sistemas de sinais, considerando, hipoteticamente, a possibilidade desses sistemas se configurarem como línguas, conforme a teoria inatista.

No que tange a aceção do termo ‘sinais caseiros’, 7 pesquisas intitulam esses sinais de língua, inclusive referenciando a comunidade indígena. Todavia, essas denominações são feitas embasadas na concepção de língua enquanto instituição social, externa à mente, condicionadas às interações sociais e culturais, em virtude de que, nenhuma pesquisa teve como

fundamento teórico a teoria gerativa, que tem como foco de análise a língua-I.

Sendo assim, é importante destacar que as análises das pesquisas que investigaram o *status* linguístico o fizeram analisando a língua-E, com ênfase nos aspectos lexicais, e realizando contrastes com os sinais da Libras, o que não deixa de ser um olhar profícuo sobre esses sinais e uma contribuição considerável, principalmente no campo fonológico e morfológico.

Destarte, este estudo procurou inventariar e analisar as dissertações e teses que abordam sinais caseiros, verificando o objetivo, a concepção de sinais caseiros e de língua com base na abordagem teórica que subsidiou essas pesquisas. Assim, é salutar destacar, que não esgotamos as análises das dissertações e teses inventariada, apenas fizemos um exame conforme o objetivo proposto.

Portanto, esperamos que, para além do propósito desta pesquisa, este estudo proporcione visibilidade às dissertações e tese elencadas e, por conseguinte, novas leituras sejam feitas possibilitando a produção de mais pesquisas na área.

REFERÊNCIAS

ADRIANO, N. A. **Sinais caseiros**: uma exploração de aspectos linguísticos. 2010. 98f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

AZEVEDO, Marlon Jorge Silva de. **Mapeamento e contribuições linguísticas do professor surdo aos índios surdos da etnia Sateré-Mawé na microrregião de Parintins**. 2015. 115f. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) - Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes, da Universidade do Estado do Amazonas. Manaus: UEA, 2015.

BARRETOS, E. A. **A situação de comunicação dos Akwẽ-Xerente surdos**. 2016. 97f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Portaria nº 013, de 15 de fevereiro de 2006. Institui a divulgação digital das teses e dissertações produzidas pelos programas de doutorado e mestrado reconhecidos. **Diário Oficial da União** nº 35, Brasília, DF, 17 fev. 2006, Seção 1, p. 15.

CHOMSKY, N. **Linguística Cartesiana**: um capítulo da história do pensamento racionalista. Tradução de Francisco M. Guimarães. Petrópolis, Vozes: São Paulo. Ed. da Universidade de São Paulo, 1972.

_____. N. **O conhecimento da língua** – sua natureza, origem e uso. Tradução de Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves. Lisboa: Caminho, 1986.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). **CAPES- Catálogo de Teses e Dissertações da Capes: Dados das**

Teses e Dissertações da Pós-Graduação 2017 a 2020. Versão 3.0, 2020. Disponível em <<https://metadados.capes.gov.br/index.php/catalog/203>> Acessado em 10 de março de 2020.

CORREA, Rosemeri Bernieri Souza. **A complementaridade entre língua e gestos nas narrativas de sujeitos surdos**. 2007. 166f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2007.

COSTA, Miriã Gil de Lima. **Mapeamento dos sinais da comunidade surda do povo Paiter Suruí no contexto familiar**. 2017. 190 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Fundação Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, RO, 2017.

DAMASCENO, Leticia de Souza Magalhães. **Surdos Patoxó: inventário das línguas de sinais em território etnoeducacional**. 2017. 180 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

ELER, Rosiane Ribas de Souza. **Mapeamento de sinais da educação escolar indígena dos surdos Paiter Suruí: Pesquisa de Campo**. 2017. 131f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Fundação Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, RO, 2017.

FERNANDES, Sueli de F. **Educação de surdos**. 2. ed. Atual. Curitiba: Ibpex, 2011.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas “Estado da Arte”**. Educação & Sociedade. Campinas, n. 79, Ago 2002, p. 257-272.

GESSER, Audrei. **Um olho no professor e outro na caneta: ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais**. Tese. Campinas: Unicamp, 2006.

GREGIANINI, Luciana Coladine Bernardo. **Mapeamento dos sinais Paiter Suruí no contexto da comunidade**. 2017. 179 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Fundação Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, RO, 2017.

KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

KUMADA, Kate Mamhy Oliveira. **“No começo ele não tem língua nenhuma, ele não fala, ele não tem Libras, né?”**: Representações sobre línguas de sinais caseiras. 2012, 136f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP : [s.n.], 2012

LARANJEIRA, Elielma. **O que dizem as pesquisas sobre sinais caseiros no período de 2003 a 2017**: um mapeamento das dissertações e teses no banco de dados da capes. 2019, 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2019.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, EPU, 1986.

MATOS, Pâmela do Socorro da Silva. **Gestos de surdos e ouvintes**: O contar história sem uso da voz. 2016, 153f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Pará. Belém, 2016.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. **Interação e construção do sistema gestual em crianças deficientes auditivas, filhas de pais ouvintes**. 1989, 248f. Tese (Doutorado em Ciências) Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística. Campinas, SP, 1989.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à (bio)linguística**: linguagem e mente. São Paulo: Contexto, 2010

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem**: aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Plexus, 2007.

SANTOS, Emmanuelle Felix dos. **O ensino de Libras na formação do professor**: um estudo de caso nas licenciaturas da Universidade Estadual de Feira de Santana Feira de Santana. 210 f. 2015. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2015.

SANTOS, Leandro Viturino dos. **A visologia dos sinais caseiros utilizados por surdos e seus familiares em Amargosa – Bahia**: diferenças e semelhanças entre os sinais caseiros e sinais da Libras. 2017, 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2017

SOARES, Magda Becker; MACIEL, Francisca. (Org.). **Alfabetização**. Brasília-DF: MEC/Inep/Comped, 2000. 173 p.: tab. (Série Estado do Conhecimento, ISSN 1518-3653; n. 1) Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br> Acesso em 27 de dezembro de 2017.

SOARES, Priscilla Alyne Sumaio. **Língua Terena de Sinais**: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos terena da Terra Indígena Cachoeirinha. 2018, 213f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista

Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), 2018.

SUMAIO, Priscilla Alyne. **Sinalizando com os terena: um estudo do uso da LIBRAS e de sinais nativos por indígenas surdos.** 2014, 123f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras, 2014.

VILHALVA, S. **Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul.** 2009, 124f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis: UFSC, 2009.

Recebido em 22 de junho de 2022.

Aprovado em 20 de agosto de 2022.

Publicado em 30 de dezembro de 2022.

SOBRE AS AUTORAS

Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira é Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas e possui Mestrado em Linguística por essa mesma universidade. Atualmente é Professora Titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), atuando na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Linguística dessa universidade. Desenvolve pesquisa na área de Linguística, com ênfase em Sintaxe Gerativa e Aquisição da Linguagem, atuando principalmente nos seguintes temas: sintaxe da Libras; sintaxe de sentenças relativas em Português Brasileiro; sintaxe e aquisição de interrogativas em PB; aquisição de sentenças relativas em PB e aquisição da escrita de Libras e de PB por surdos. Desenvolve pesquisa que obteve um produto tecnológico: o Sistema de Escrita de Libras (SEL).

Emmanuelle Félix dos Santos é doutoranda em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Mestra em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Especialista em Educação Especial (FTC). Graduada em Pedagogia (UESB) e em Letras Libras (UFPB). Professora Adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB); coordena o grupo de pesquisa Análise e Aprendizagem da Língua de Sinais (AnALiSi) da UFRB-CNPq e é membro do Grupo de Pesquisa da Estruturas Gramaticais e de Aquisição da Linguagem (GPEGAL) vinculado ao Centro de Estudo de Linguística (CPELin) da UESB. Tem experiência docente na área de Libras.